

A DESCOBERTA DA IDENTIDADE DE HOMEM TRANS E A METÁFORA DO CORPO ERRADO

THE DISCOVERY OF TRANS MAN IDENTITY AND THE WRONG BODY METAPHOR

RESUMO

Este artigo trata do momento da trajetória de vida de dois homens trans, mais especificamente, do período em que eles descobrem a existência da identidade de homens trans. A descoberta dessa identidade é acompanhada por uma interpretação das suas experiências muito influenciada pelo saber biomédico e pautada tanto na ideia de separação entre uma alma de homem e um corpo de mulher assim como na ideia “do corpo errado”. O presente artigo irá, então, problematizar o pressuposto de separação entre ser e corpo, e propor, através do paradigma fenomenológico, uma outra interpretação para essas experiências. Para tanto, o artigo fundamenta-se na análise de narrativas de vida construídas com base nos relatos de experiência e nas entrevistas abertas e em profundidade. Resulta deste artigo a perspectiva de que a ideia de separação entre ser e corpo é fruto do pressuposto de separação entre natureza e sociedade que fundamenta a modernidade. Demonstra-se que, mais do que uma separação entre corpo e alma, o que se constitui é uma sensação de descompasso entre uma percepção de si, em termos de gênero, e a percepção do outro. Mais do que fornecer respostas acabadas às questões colocadas, o presente artigo tem por objetivo apresentar possibilidades interpretativas e, com isso, ampliar o debate científico sobre o tema.

Palavras-chave: Homens trans. Gênero. Corpo. Identidade.

ABSTRACT

This article deals with the moment in the life trajectory of two trans men, more specifically, the period in which they discover the existence of the identity of trans men. The discovery of this identity is accompanied by an interpretation of their experiences heavily influenced by biomedical knowledge and based both on the idea of separation between a man's soul and a woman's body as well as on the idea of “the wrong body”. The present article will, then, problematize the assumption of separation between self and body and propose, through the phenomenological paradigm, another interpretation for these experiences. To this end, the article is based on the analysis of life narratives built on the basis of experience reports and open and in-depth interviews. The result of this article is the perspective that the

Andressa de Freitas Ribeiro

Doutora pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta A do curso de ciências sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) – Ceará/Bahia – Brasil. E-mail pessoal: andressa.antropologia@gmail.com. E-mail institucional: andressa.antropologia@unilab.edu.br

idea of separation between self and body is the result of the assumption of separation between nature and society that underlies modernity. It is demonstrated that, more than a separation between body and soul, what is constituted is a feeling of mismatch between a perception of oneself, in terms of gender, and the perception of the other. More than providing finished answers to the questions posed, this article aims to present interpretive possibilities and, with that, expand the scientific debate on the subject.

Keyword: Trans men. Gender. Body. Identity.

Introdução

A título de introdução, este artigo foi construído por meio de narrativas de vida de dois homens trans¹ e é fruto de uma pesquisa de doutorado, de cinco anos, realizada com doze homens trans e outras transmaculindades², entre 18 e 28 anos de idade, na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia. A pesquisa se desenvolveu pelo encontro constante com esses interlocutores – de modo que foi possível acompanhar parte de suas trajetórias de vida e conhecê-los em seus cotidianos –, assim como pela realização de entrevistas abertas e em profundidade que tinham como foco a experiência transmasculina.

Para o escopo deste artigo, recorreu-se tanto aos sentidos instaurados na interação com os interlocutores quanto à análise de temas, relativos às suas narrativas de vida, coletados nas entrevistas. A análise de narrativa, como recurso metodológico, aparece, aqui, não no sentido clássico da narratologia – ou seja, como um texto que tem início, meio e fim, com nó e desenlace, e no qual há uma intriga que leva ao desenvolvimento da estória. A narrativa comparece, aqui, no sentido que Walter Benjamin (1994) lhe atribui, no texto “O narrador”, quando diz que “narrativa” é tudo aquilo que descreve uma experiência. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 1994, p. 5). Toda narrativa é um ato de contar uma experiência. Falar no uso metodológico da análise de narrativas é atentar, portanto, para a relação íntima que as falas dos interlocutores guardam com o ato de contar suas experiências de vida.

Além disso, a análise de narrativa mantém uma relação íntima com a interpretação. Proveniente do paradigma hermenêutico, a análise de narrativa não

1 Homens trans são pessoas que foram assignadas mulheres no momento do nascimento, mas que, no decorrer da vida, se identificam como homens, podendo realizar, parcial ou integralmente, as mudanças em termos corporais, comportamentais e documentais necessárias ao reconhecimento da sua identidade.

2 Um dos interlocutores da pesquisa de doutorado oscila entre afirmar, e não afirmar, uma identidade de homem trans. Em geral, nas entrevistas, ele questiona a identidade de homem trans e pede, apenas, para se referir a ele no masculino e para que ele seja reconhecido como homem. Alude ainda ao termo travesti para caracterizar a sua experiência. Em alguns momentos, todavia, ele diz ser necessário se identificar como homem trans para ter acesso a determinados recursos, principalmente aqueles relativos às transformações corporais. Daí a utilização do termo “outras transmasculinidades”. A trajetória de vida desse interlocutor, entretanto, não será abordada neste artigo. Para mais informações, ver Autor(a).

pretende alcançar a verdade dos fatos, ela não parte da perspectiva de que os fatos guardam em si uma verdade. Para esse paradigma, a verdade é apenas uma versão dos fatos, erigida de um determinado ponto de vista. Nesse sentido, “nossas interpretações analíticas são parciais, verdades alternativas que apontam para uma credibilidade, não uma certeza; para um alargamento do entendimento, mais do que um controle sobre os fatos” (RIESSMAN, 1993, p. 64, tradução livre). Assim, toda a construção deste texto está em consonância com a dimensão interpretativa que funda a análise de narrativa e, nesse sentido, pretende-se menos chegar à verdade dos fatos do que alargar os horizontes interpretativos dessas experiências.

Neste artigo, especificamente, são utilizadas, prioritariamente, as narrativas de dois interlocutores, Jorge e Paulo³, que versam sobre o momento de descoberta da identidade de homem trans e sobre como essa descoberta é influenciada pela compreensão que o saber biomédico tem dessa experiência. As narrativas dos interlocutores mostraram que a constatação de um forte e incontornável sentimento de masculinidade antecede a descoberta e afirmação da identidade de homem trans⁴. Essa constatação, em geral, se dá após uma tentativa frustrada de feminilização, da performance e do corpo, motivada pela pressão social e familiar, principalmente, no início da adolescência⁵. É justamente o sentimento de não adequação ao gênero e à performance feminina que leva esses sujeitos a adquirirem uma consciência mais evidente desse forte sentimento de masculinidade.

Diante da constatação de que “não é uma mulher que eu sou” ou “não é como mulher que eu quero me apresentar ao mundo”, inicia-se, então, uma busca para interpretar e compreender essa sensação de descompasso entre gênero assignado e gênero de identificação. A partir daí, as trajetórias tomam caminhos que são demasiado distintos, a ponto de ser difícil delinear um plano comum que permita a essas trajetórias serem colocadas em uma única categoria.

O acesso ou não a informações sobre a identidade de homem trans, o modo como as informações e o conteúdo são acessados exercem uma influência em como esse sentimento de masculinidade será interpretado e, posteriormente, expresso. Aqui, cabe lembrar as palavras de Latour (2013) quando diz que mesmo o amor, que nos

³ Neste artigo, opta-se por utilizar nomes fictícios, assim como por manter o uso de prenomes masculinos. Tal escolha justifica-se pelo respeito à identidade de apresentação dos interlocutores desta pesquisa. Muitos dos interlocutores não revelaram seus nomes de origem e todos eles se apresentaram a mim com uma identidade e prenome já masculinos.

⁴ Todos os interlocutores da pesquisa de doutorado, antes de assumirem a identidade de homem trans, ou outras transmasculinidades, falam da percepção de um profundo e incontornável sentimento de masculinidade. Esse sentimento se traduz em um forte desejo de se expressarem de forma masculina e de serem reconhecidos como homens. Para mais informações sobre a conformação desse sentimento de masculinidade em experiências transmasculinas, ver Autor(a).

⁵ Ana Bock (2007) ainda define a adolescência como uma construção social, levando em consideração sua natureza histórica e cultural. Neste artigo, o termo adolescência surge das narrativas dos próprios interlocutores. Eles se referem à adolescência como o período de início das mudanças corporais como, por exemplo, o nascimento dos seios, a menstruação e a mudança dos contornos do corpo. Essas mudanças são, por sua vez, interpretadas a partir de uma determinada perspectiva cultural e histórica.

parece o mais íntimo dos sentimentos, e mesmo nossa forma de amar são aprendidas e se constituem através dos livros e romances que lemos ao longo das nossas vidas.

Assim, a maneira como é interpretado esse sentimento de masculinidade (o que, por vezes, pode parecer tão interior) e o modo pelo qual ele se expressa no mundo são constituídos pelo repertório de informações à disposição desses sujeitos em seu ambiente social. A possibilidade de assumir a identidade de homem trans (ou de não a assumir) e como assumi-la é influenciada pelo caminho trilhado pelos sujeitos, mas, também, por quais informações chegam até eles e por como elas chegam.

As narrativas dos dois interlocutores que compõem este artigo mostram, por exemplo, como a afirmação da identidade de homem trans, nessas trajetórias, foi influenciada por uma perspectiva biomédica dessa experiência. São influenciados por essa perspectiva que eles irão interpretar suas experiências sob a égide da ideia de separação entre uma alma (ser) de homem e um corpo de mulher assim como pela ideia do corpo errado ou do corpo que falhou. O presente artigo irá, portanto, problematizar essa perspectiva com intuito de alargar os horizontes interpretativos que recaem sobre as experiências transmasculinas.

A descoberta da identidade de homem trans

Jorge, homem trans, 22 anos, toma conhecimento da categoria de homem trans ao ler a notícia sobre Thomas Beatie⁶, um homem trans que engravidou e, logo depois, ao buscar mais informações, ele se depara com a história de vida de João W. Nery⁷ e se sente tão identificado que diz “é exatamente isso que eu sou”. Em seguida, já em Salvador, no afã de entender um pouco mais sobre aquilo que ele sentia, sobre sua experiência no mundo, ele procura João W. Nery por acreditar que ele era a única pessoa que entendia sobre o assunto no Brasil. Jorge o encontra no Facebook e o adiciona. João W. Nery lhe responde em seguida e pergunta a Jorge de onde ele é, ele responde, afirmando que é de Salvador, e João diz: “por coincidência, eu estou em Salvador”.

Eles marcaram um encontro, Jorge foi ao hotel onde ele estava hospedado e eles passaram toda a noite conversando. João explicou a Jorge como se dá a transição e tudo o que ele poderia fazer, como, por exemplo, a hormonização, as cirurgias, a mudança de nome. João fala da sua própria vida e, também, passa para Jorge contatos de pessoas que o poderiam ajudar. Essa conversa com João W. Nery foi crucial para Jorge:

⁶ Thomas Beatie é um homem trans que ficou famoso em 2008 por dar à luz uma criança. Para mais informações, ver Beatie (2009).

⁷ João W. Nery foi o primeiro homem trans no Brasil que escreveu uma autobiografia. No seu livro, *Viagem Solitária*, Nery (2011) reconhece sua identificação com o universo masculino desde a mais tenra infância, fala da adolescência como um período de grande sofrimento, principalmente com a chegada da menstruação (que ele denomina de monstruação) e com o crescimento dos seios. Para Nery (2011), era como se seu corpo mentisse contra ele e é movido por essa sensação que ele buscará modificá-lo.

Eu fiquei superfeliz, porque eu vi que, a partir daquele momento, eu ia começar a viver, antes eu sentia que eu não vivia, eu sentia que eu era uma pessoa que vegetava. [...] eu não conseguia me sentir naquele corpo, eu não tinha prazer com nada em minha vida, eu não tinha prazer em sair, eu não tinha prazer em me relacionar com ninguém, eu não tinha prazer em fazer nada, sabe? Eu era totalmente depressivo. Assim, hoje eu ainda passo por depressões por conta da vivência trans e da sociedade, das pessoas, mas antes era muito pior, eu pensava muito mais em suicídio, em acabar com minha vida e tudo o mais (Jorge).

Descobrir a existência da identidade de homem trans foi uma maneira de dar inteligibilidade para sua própria vivência. É através da descoberta dessa categoria que Jorge encontra um sentido para sua própria vida e esse novo sentido lhe permitirá não só compreender sua sensação de deslocamento no mundo como ressignificar seu percurso, de modo a tornar possível uma consonância entre seu sentimento de si e sua expressão de gênero; descobrir que ele poderia existir como homem trouxe Jorge de volta à vida. Essa descoberta se dá como uma espécie de instituição, no sentido que lhe dá Merleau-Ponty (2000), quando determinados acontecimentos dotam a experiência de dimensões duráveis, em relação às quais toda uma série de experiências farão sentido na medida mesmo em que apelam para uma sequência e exigem um por vir.

*Jorge diz que foi se identificando cada vez mais com o que João falava e passou a se ver nele*⁸. Logo em seguida, Jorge adota seu nome masculino e passa, então, a se identificar como homem trans. Aqui, o modo como ele interpreta o seu forte sentimento de masculinidade e a posição assumida em termos de identidade têm total relação com as possibilidades e informações que ele encontrou disponíveis no mundo. A partir daí, ele cria uma rede de contatos na internet, se engaja em um grupo de homens trans que tem no Facebook, começa a trocar informações, entender como as coisas funcionam e, então, aos 20 anos, Jorge inicia a hormonização.

Como Jorge, Paulo, outro interlocutor, jamais tinha ouvido falar em transexualidade. Ele já conhecia a homossexualidade, já tinha ouvido falar em travestis, mas jamais em transexuais, muito menos em homens trans. Até que, movido pela necessidade de entender essa sensação de descompasso, de desencaixe que lhe provocava tristeza, entra no que ele chama de um período de busca. Passa a ler, a procurar informações e, aos 22 anos, tem acesso à reportagem sobre uma atleta alemã, Yvonne Buschbaum, saltadora de vara, que passa a se definir como homem trans e que decidira se aposentar para investir na terapia hormonal e realizar as cirurgias de readequação de gênero.

Naquele momento, quando ele lê a entrevista, tem certeza de que é um homem trans. A sua sensação ao ler a entrevista é a de que ele estava lendo sobre si mesmo, sobre tudo o que ele sentiu no decorrer da sua vida. Os pontos de reconhecimento de si na narrativa da atleta são:

⁸ Aqui evidencia-se o processo de identificação e a formação da identidade.

Desde pequeno, sempre me identifiquei mais com os meninos do que com as meninas, não entendia até certa idade por que meus pais me tratavam diferente do meu irmão, eu percebia que as pessoas me viam como uma garota, mas eu nunca me senti como uma garota e, por fim, a sensação de ser um homem em um corpo de mulher.

Através do contato com essa reportagem, Paulo passa a se identificar subjetivamente como um homem trans. Até os 26 anos, Paulo guarda essa informação para si. Por esse período, ele se forma em direito e, um mês antes de receber a licença para exercer a profissão, conta sobre sua identificação aos seus familiares. Primeiro, à sua mãe, depois, ao seu irmão e, por último, ao seu pai. Alguns dias depois, envia, via Facebook, uma mensagem para seus familiares, tios, tias, primos e primas. A mensagem era a seguinte:

Eu sei que vai ser difícil para vocês, mas estou precisando contar algo há muito, muito tempo, embora alguns de vocês já saibam. Depois de anos em terapia, finalmente eu não só me descobri como também estou assumindo quem sou. Daí o motivo desta mensagem: eu sou transexual (*um homem no corpo de mulher*). Estou fazendo um novo *profile* que é condizente com quem sou, bem como pretendo iniciar os tratamentos (hormonais e cirurgias). Vocês são minha família e merecem saber por mim. Espero o seu apoio, mas compreendo qualquer outra reação. Sei que é uma notícia chocante e muitos de vocês terão dificuldade para assimilar, bem como muitas perguntas a fazer. Estou pronto para conversar. (Paulo)

Além disso, Paulo escolhe setenta pessoas do seu antigo perfil do Facebook, dentre essas pessoas, os seus amigos mais próximos, e envia a seguinte mensagem:

Oi, tudo bom? Mandando esta mensagem para lhe avisar que o perfil atual vai deixar de existir a partir do dia 01/12/2013. Sou transexual (*um homem preso no corpo de mulher*). Finalmente tomei coragem e estou assumindo minha verdadeira identidade. Como prezo sua amizade, espero que você adicione o meu novo perfil: <https://www.facebook.com/Paulo>. Att, Paulo.

As reações dos amigos foram as mais variadas possíveis. Alguns acharam que era vírus, outros se mostraram curiosos, outros perguntaram se era uma brincadeira, mas, no geral, as reações foram amistosas. O que chama a atenção, no entanto, é como Paulo interpreta sua experiência e a comunica aos outros, a maneira como ele define a transexualidade e, neste sentido, sua própria experiência. Ele repete, na interpretação da sua experiência, aquilo que ele leu na reportagem da atleta alemã e, possivelmente, em outros materiais que encontrou à sua disposição – “eu sou um transexual, quer

dizer, um homem preso no corpo de mulher”. Como na narrativa de Paulo, surgiu, em outras narrativas dos interlocutores, a expressão “eu me sinto um homem preso em um corpo de mulher” ou “eu sou um homem em um corpo de mulher” e, junto com essa afirmação, sempre surge a metáfora do corpo errado. A fala de Ronaldo é ilustrativa neste sentido:

É como se eu nascesse mesmo, é um espírito, parece que nasceu, só que nasceu em um corpo errado, porque eu nasci em um corpo errado, porque essa identidade de gênero que eu estou construindo agora eu vou levar para vida toda, é isso que eu sou, nada nem ninguém vai me tirar isso, é uma coisa que está dentro de mim e uma coisa que eu estou construindo. (Ronaldo)

Simone Ávila (2014) afirma que a metáfora do corpo errado tende a normalizar as pessoas trans. Para ela, “a ideia de um corpo errado que precisa de concerto é uma construção dos discursos biomédicos, que faz com que os trans tenham que passar pelo controle de uma equipe de saúde para receberem autorização da ‘correção de seus corpos’” (ÁVILA, 2014, p. 163). No entanto, Castel (2011) já afirmava que o diagnóstico dado pelo saber médico era, na realidade, uma reapropriação do próprio autodiagnóstico das pessoas trans.

Na perspectiva desta pesquisa, entretanto, a metáfora do corpo errado surgiu, simultaneamente, tanto do modo como a maioria das pessoas trans descreve a sensação (de desconforto) que tem em relação ao seu próprio corpo quanto do modo como o paradigma biomédico informa e reafirma essa sensação sob um determinado ponto de vista. Fato é que o saber biomédico a utiliza – essa sensação de desconforto – como critério definidor da experiência trans de modo a disseminar um discurso que justifica o exercício do seu poder e que, por outro lado, constitui a interpretação das pessoas trans sobre suas próprias experiências.

Ferré (2009) também pensa a metáfora do corpo errado e diz que tal metáfora só pode ser entendida se referenciada à categoria transexual. A transexualidade, para ele, é uma modalidade da transversalidade de gênero, transversalidade esta que existe nas mais diferentes culturas e contextos etnográficos. “A transexualidade, no entanto, produz sua verdade, a qual deve colocar-se em relação aos mecanismos produtores – e reprodutores – da verdade de sua cultura de referência” (tradução nossa) (FERRÉ, 2009, p. 62).

Nesse sentido, para ele, a transexualidade é a forma que a transversalidade de gênero adota nas sociedades modernas e industriais. Essas sociedades são regidas pelos saberes científicos e por suas técnicas concomitantes, com grande relevância dos saberes psi. Assim, nada mais natural que as pessoas transexuais se pensem cientificamente: “é do conjunto de saberes científicos que extraem a explicação de si mesmas e a legitimação de seus atos individuais e coletivos na arena social e na arena política” (tradução nossa) (FERRÉ, 2009, p. 63). São sob os pressupostos, portanto,

das sociedades modernas e industriais que tanto a metáfora do corpo errado quanto a ideia de separação entre corpo e alma devem ser interpretadas.

A ideia de separação entre alma e corpo, a metáfora do corpo errado e sua relação com o pressuposto de separação entre natureza e sociedade que fundamenta a modernidade

De onde vem essa ideia de separação entre corpo e alma tão presente no relato de alguns homens trans? Quando Paulo manda a mensagem contando às pessoas da sua nova identidade, ele diz “eu sou transexual”, abre um parêntese explicativo e diz “eu sou um homem preso em um corpo de mulher”. Percebe-se, nesse discurso explicativo, que existe um ser (o homem) e um corpo (o corpo de mulher). Para que a sua experiência seja interpretada por ele dessa forma, é preciso que exista um sentimento de descompasso ou de desconforto com o próprio corpo. Questiona-se, então: por que, em suas falas, esse descompasso ou esse desconforto aparece como uma distinção-separação entre ser (homem) e corpo (mulher)?

O fenômeno da transexualidade tal qual ele é conhecido nos dias de hoje surge na Europa, no início do século XX, portanto, no ocidente moderno⁹. Ele surge no esteio do desenvolvimento científico que, através do aperfeiçoamento das técnicas cirúrgicas e dos estudos endocrinológicos, possibilitará determinadas transformações corporais e, ao fazê-lo, criará simultaneamente uma demanda por essas modificações. Esse fenômeno está, portanto, fundamentalmente, ligado aos pressupostos da modernidade. E quais são esses pressupostos? Latour (1994) concebe como pressuposto básico da modernidade a separação entre natureza e cultura e entre natureza e sociedade. Será que o fundamento básico da modernidade guarda alguma relação com o texto de separação entre alma de homem e corpo de mulher usado por Paulo para explicar a seus pares o que é um homem trans?

Latour (1994), no livro “Jamais fomos modernos”, tenta compreender aquilo mesmo que constitui a modernidade. Ele diz que a modernidade é fundamentalmente constituída por um paradoxo entre o texto comum que a define, a esse texto ele dá o nome de Constituição, e as suas práticas. Mas onde está o paradoxo? Latour diz que esse texto é marcado pela pressuposição da incomunicabilidade entre o mundo social e o mundo da natureza. Essa constituição se baseia em duas garantias fundamentais: primeiro, a ideia de que não são os humanos que fazem a natureza, ela existe desde sempre e sempre esteve presente e, segundo, são os humanos, e apenas os humanos, que constroem a sociedade e que decidem livremente acerca do seu destino. Dessa definição, sai a assertiva de que cabe à ciência só, e somente só, a representação dos não humanos e do mundo da natureza, mas lhe é proibida qualquer possibilidade de apelo à política e à sociedade. Latour chama esse texto de texto da purificação, tendo

⁹ Para mais informações sobre a história da formação da categoria transexual, ver Bento (2006) e Aran (2006).

em vista que ele supõe a existência de uma sociedade purificada e de uma natureza purificada.

Por outro lado, ele diz que, no âmbito da prática, nunca houve tanta mistura entre humanos e não humanos, entre natureza e sociedade como no mundo moderno. Os modernos estão a todo tempo criando híbridos, mediações, fenômenos que misturam humanos e não humanos, natureza e sociedade, mas produzem um texto sobre si mesmos que oblitera e que invisibiliza essas mediações entre o mundo natural e o político, entre o natural e o social. E, por isso, afirma que “a Constituição moderna não permite sua própria compreensão” (LATOURE, 1994, p. 50). A concepção que os modernos têm de si não condiz com a sua prática. O paradoxo se encontra, portanto, entre o âmbito da prática e o âmbito do texto produzido pelos modernos. Uma prática que mistura e um texto que purifica e separa.

Há, entretanto, consequências políticas fruto desse paradoxo. Para Latour (1994), nunca houve uma proliferação tão intensa de híbridos como na modernidade sem que essa proliferação levasse a uma consciência das suas dimensões sociais e políticas. Se aquilo que a ciência faz diz respeito somente ao mundo da natureza, então, os cientistas tendem, muitas vezes, a não levar em consideração, na interpretação dos fenômenos que ajudam a criar e, portanto, nas suas próprias práticas, a dimensão social e política. No entanto, Latour (1994) assevera:

A amplitude da mobilização é diretamente proporcional à impossibilidade de pensar suas relações diretamente com a ordem social. Quanto menos os modernos se pensam misturados, mais se misturam. Quanto mais a ciência é absolutamente pura, mais imediatamente encontra-se ligada à construção da sociedade (LATOURE, 1994, p. 47).

Qual relação que esse *modus operandi* guarda tanto com o texto de separação quanto com a ideia do “corpo errado” reproduzido por Paulo e outros interlocutores? A experiência transexual é, evidentemente, uma experiência híbrida, quer dizer, uma experiência que conjuga elementos corporais e elementos sociais, natureza e sociedade, por assim dizer. O fenômeno do transexualismo surge, entretanto, como resultado de uma leitura científica dessa experiência.

Se, como dito anteriormente, no mundo moderno, cabe à ciência apenas o entendimento de fenômenos naturais e lhe é proibida qualquer apelo à ordem social, então, a ciência biomédica, como ramo da ciência moderna, tende a desconsiderar, no caso da experiência transexual, os fatores sociais que a compõem. Ao fazê-lo, a única opção que lhe resta é ler essa experiência como centrada ou em um corpo (natureza) encerrado em si ou em uma psique (uma alma, uma interioridade) também encerrada em si. Ao desconsiderar o social, resta à ciência biomédica buscar uma explicação para a experiência transexual ou em um corpo que falhou (o corpo errado) ou em uma psique que falhou (um transtorno psíquico).

Ao seguir um dos interlocutores em sua viagem ao Rio de Janeiro para participar do processo transexualizador do SUS, no ambulatório do Hospital Universitário Pedro Ernesto, tive a oportunidade de entrevistar um médico psiquiatra que trabalhava, à época, no ambulatório com as demandas das pessoas trans. Nessa entrevista, o médico afirmou que não entendia nada de ciências sociais, mas entendia de biologia e que sentia uma abordagem muito agressiva das ciências sociais na defesa de que a transexualidade é apenas um fenômeno social. Em determinado momento da conversa, ao explicar como as coisas funcionavam no ambulatório, ele diz:

Tem uma questão que é assim, para variar eu sou polêmico: eu acredito que tem um transtorno, uma doença. O pessoal de ciências humanas, desculpa, ciências sociais, vive me batendo, porque eu falo que é doença, que é um transtorno. É um transtorno no sentido médico, não acho que ter um diagnóstico é uma exclusão. Vai da maneira como você vai usar, eu não vejo como exclusão. E eu acredito no fenômeno trans não pela teoria *queer*, acho que a teoria *queer* é muito bonita, mas é uma teoria. A Judith Butler fala de um jeito que, às vezes, a gente tem dificuldade de entender.

Quando ele fala que a transexualidade é um transtorno, eu, então, o pergunto: “mas você acredita que tem uma causa?” E ele diz:

Eu defendo uma base, não causa. Quando a gente fala ‘causa’, fica sempre uma coisa muito restrita, isso é a causa. Eu acho que tem uma base biológica. Hoje em dia se sabe que tem um cérebro masculino e um cérebro feminino, as feministas querem me matar quando eu falo isso. Mas é, um cérebro masculino e um cérebro feminino. Homem tem algumas competências, em linhas gerais, na maior parte dos homens, não dá para falar que todos, mas, assim, o cérebro masculino tem algumas competências que o cérebro feminino não, e o cérebro feminino tem algumas competências que o cérebro masculino não tem. Não somos iguais. [...] então, no útero, na hora da formação do cérebro. do desenvolvimento. que é depois da formação da genitália, os níveis de andrógenos, em determinada fase, vão para uma linhagem, vão direcionar esse cérebro do feto por linhagem, masculina ou para uma linhagem feminina, e essas evidências estão cada vez maiores. Tem alguns autores que correlacionam isso, inclusive, com a homossexualidade, seria uma das bases da homossexualidade. Mas, isso, eu vou deixar de lado, porque eu acho que são fenômenos distintos e aí seria a época, nível de andrógenos, área afetada e aí é uma questão de diferenciação sexual. É isso que eu acredito que é a base.

Como dito anteriormente, despovoar a experiência transexual da dimensão social só deixa a esse médico psiquiatra duas possibilidades: ou a transexualidade

é um transtorno encerrado em uma psique ou uma falha encerrada no corpo, mais especificamente nos recônditos do cérebro ou no percurso labiríntico dos hormônios. Nessa perspectiva, tanto a psique quanto o corpo são analisados como se estivessem separados do mundo da vida, sem conexão, portanto, com as questões que ser homem ou ser mulher colocam para uma determinada coletividade tanto em termos políticos quanto em termos sociais. Os questionamentos colocados por essa experiência à coletividade passam a ser vistos como um problema encerrado ou em uma psique (transtornada) ou em um corpo (falho).

Essa perspectiva permite que os questionamentos levantados pela experiência trans sejam resolvidos passando ao largo de uma mobilização mais ampla do público (e dos seus marcos de poder, dentre eles, a própria divisão binária dos gêneros) e de uma reflexão sobre a constituição de homens e mulheres na vida em comunidade. Tudo se passa como se fosse apenas uma questão técnico-científica de juntar (através do bisturi) aquilo que estava separado — corpo e alma. Ao colocar as vivências trans nesses termos, a coletividade não precisa se dar ao trabalho de repensar seus valores e suas práticas e, ao mesmo tempo, as pessoas trans encontram uma explicação simples para suas experiências, deixando de receber mais o ônus (além de todos os outros) de serem os responsáveis por fazer toda uma coletividade se repensar.

Além do mais, fornecer uma explicação aos seus pares, respaldada pelo saber biomédico, com traços de um determinismo, poupa algumas pessoas trans de terem que dar mais explicações sobre suas experiências do que elas já são demandadas a dar. Não à toa, alguns dos interlocutores aderem à ideia de separação entre ser e corpo, à metáfora do corpo errado e à máxima “eu nasci assim”. É o caso de Jorge, que interpreta sua experiência como homem trans, e a experiência transexual de um modo geral, com um forte viés do determinismo biológico.

A influência da perspectiva biomédica sobre a concepção que Jorge tem da sua experiência transmasculina

Muito próximo à construção explicativa do psiquiatra, Jorge acredita que a sua experiência é consequência da quantidade de testosterona que seu cérebro recebeu no momento da gestação. A quantidade de testosterona recebida seria responsável por formar um cérebro masculino. Para ele, então, o homem trans nasce com um cérebro masculino e um corpo de mulher. Ele ainda diz que o corpo não define nada, o que define é o gênero associado a um tipo específico de formação cerebral que, no caso dos homens trans, é uma formação masculinizada do cérebro. Ao afirmar que o corpo não define nada, mas o cérebro sim, ele concebe o cérebro como não compondo o corpo¹⁰. Ao lhe perguntar como imagina o funcionamento desse cérebro, se acha que é uma escolha, ele diz:

¹⁰ O estatuto do cérebro abre espaço para certa ambiguidade na sua definição. Em geral, para as pessoas que partem dessa separação entre mente e corpo, o cérebro representa a mente, quer dizer, o não-corpo. Para o senso comum, o cérebro é o órgão do pensamento e, talvez, nada há mais de social do que o

Não é uma escolha, simplesmente, *you nasce assim*. É o que você é naturalmente. Algumas pessoas, quando eu falo da questão biológica, acham que eu estou patologizando, mas não é questão de patologizar porque não é uma doença. Existem pessoas que nascem com falhas de formação. Existem milhares e infinitas maneiras de falhas. Eu estava lendo uma notícia sobre uma família na qual todos os membros nasceram com seis dedos na mão, então, existem vários tipos (pausa), não é anormalidade, são falhas de formação. A pessoa não é doente por isso, aconteceu uma falha e a pessoa sintetizou as coisas de forma diferente, mas ela não é doente, é uma forma diferente de ser, entendeu? Não é doença. A mesma coisa é a questão trans. Nós nascemos com o gênero masculino cerebralmente, como qualquer outro homem, só que com uma formação corporal própria. Existem várias explicações para isso, hormonais ou por influência do que a mãe passou na gravidez que pode ter gerado um desequilíbrio hormonal, os cientistas dão várias explicações para isso. (Jorge)

Jorge afirma que sua experiência não parte de uma escolha. Se não parte de uma escolha, se independe da sua vontade, logo, ele conclui: “você nasce assim”. Para Jorge, só há duas possibilidades: ou sua experiência é fruto de uma escolha voluntarista ou se nasce assim¹¹. E se “você nasce assim”, então, há algo errado com esse corpo que veio ao mundo e que foi incapaz de sustentar a masculinidade incrustada nesse cérebro. O pressuposto de separação entre cérebro e corpo do qual Jorge parte leva-o, então, à concepção da sua experiência como um corpo que falhou. O que caracteriza sua experiência é, para ele, uma má-formação corporal que desemboca em um corpo falho ou um corpo errado. A metáfora do corpo errado tem, portanto, total ligação com o texto da separação entre ser e corpo. Sobre a experiência trans, Jorge continua:

Eu não consigo ver de outra maneira que não biológica, assim como eu acho que as pessoas homossexuais o são biologicamente, acho que tudo é biológico, até a maneira que você nasce é biológica. Você nasceu daquela maneira por algum motivo. Se você nasceu cisgênero, se identificando com o próprio corpo e gênero, você nasceu assim biologicamente, se você nasceu hétero também, se homo também, não que isso seja uma doença, acho que, se aconteceu isso, foi biologicamente, entendeu? A questão trans, alguns cientistas falam que isso é desequilíbrio hormonal na gravidez da mãe, descarga de hormônio, desequilíbrio, então, isso influenciou na formação do cérebro, na formação do corpo, então, existem várias especulações do que podem ser, mas várias coisas que apontam para o lado biológico, assim como outras

pensamento. É como se o cérebro ficasse nesse limiar entre o que é biológico e o que não é biológico.

¹¹ Há uma dimensão prática e mesmo política em dizer que se nasce assim. Dizer que se nasce assim é demandar ao outro que não questione sua experiência, é não precisar dar muitas explicações sobre si, é colocar um ponto final nas discussões e é, ao mesmo tempo, legitimar sua experiência.

peessoas defendem a psicologia, mas eu não acredito nisso porque eu vivencio isso desde criança e desde muito pequeno. (Jorge)

Há, na concepção de Jorge, claramente, a influência de uma perspectiva epistemológica que separa o social do biológico e os supõem domínios distintos e incomunicáveis. O biológico, em geral, é percebido pelo senso comum como o imponderável, o imutável, o que não é passível de escolha, e o social é percebido como aquilo que é maleável, flexível e que, portanto, permite escolhas. O social tende a ser visto ainda como aquilo que vem depois do biológico – existe a estrutura dura do corpo, previamente dada e intratável, e sobre ela se imprimem as normas que são supostamente frutos da criação imaginativa humana. Há, aqui, ainda uma perspectiva do biológico (por mais paradoxal que isso pareça, já que o estudo da biologia é exatamente o estudo da vida) como completamente separado do mundo da vida e da coexistência em sociedade.

Quando Jorge afirma o aspecto biológico da sua experiência sobre o social, ele assim o faz sob a justificativa de que vivencia isso desde muito pequeno, desde criança, portanto, tal vivência não pode ter sido fruto de uma escolha, logo, ela é biológica. Ao partir, previamente, de uma dicotomia, será preciso então escolher entre um dos lados, e Jorge o faz apostando nessa biologia purificada.

Em outro momento, Jorge havia dito que ser homem não tem nada a ver com papéis sociais ou com ter um comportamento masculino ou feminino, porque isso são imposições sociais, quer dizer, é algo que vem de fora para dentro. O social é percebido aqui como algo que está fora e que é impresso, através da coerção, sobre o corpo. Frisa-se o aspecto coercitivo do social, mas oblitera-se seu aspecto constitutivo. Na perspectiva de Jorge, o social lhe é exterior e não o constitui. Assim, esse sentimento de masculinidade que lhe parece tão íntimo e interior e que lhe acompanha desde pequeno parece não ter nenhuma relação com esse social que lhe é apresentado só como exterior. Essa perspectiva do social não é capaz de lhe fornecer, portanto, uma chave interpretativa para a sua experiência.

Ora, se os paradigmas fossem dados de maneira distinta, não partindo de uma dicotomia prévia entre o social e o biológico, permitindo entender que o corpo é simultaneamente social e biológico e que já se está no mundo social e cultural antes mesmo de se ter uma consciência sobre o próprio corpo; se partíssemos da compreensão de que, quando se pensa em termos de existência, não é possível separar o que é biológico do que é sociocultural e que, portanto, o biológico não é tão duro assim e o social não é tão mole assim, provavelmente a opinião de Jorge seria diferente. Nesse sentido, o modo como Jorge explica sua experiência é fortemente marcado pelo pressuposto de separação entre natureza e sociedade que funda a modernidade. A ideia de uma separação entre ser e corpo e, conseqüentemente, de um corpo errado, é resultado do texto de separação entre natureza e sociedade instaurado pela modernidade.

O texto de separação entre alma e corpo e o binarismo de gênero

A ideia de separação entre ser e corpo, que marca a concepção biomédica da transexualidade, depende de uma outra separação que adjetiva esses termos: essa separação é entre homem e mulher – “eu sou um homem em um corpo de mulher”. Para Ferré (2009), a transexualidade é um fenômeno das sociedades modernas industriais justamente porque são nessas sociedades que os saberes médicos contemporâneos instauram, através da categoria do sexo, a ideia de duas anatomias distintas e incomensuráveis entre homens e mulheres. Nesse sentido, é justamente essa perspectiva de um sistema de gênero dual, com dois polos incomensuráveis e incompatíveis, que possibilitará a ideia de separação entre um ser marcado por um gênero e um corpo marcado por outro.

As narrativas, fruto das experiências dos interlocutores, mostram que a formação de um forte sentimento de masculinidade e mesmo a afirmação da identidade de homem trans se dá ao longo da vida. Vários fatores humanos e não humanos entram na constituição desse sentimento de masculinidade: os brinquedos, a bola, a boneca, os vestidos, as brincadeiras, a instituição escolar e familiar, as identificações construídas no núcleo familiar e fora dele, o modo como o uso do corpo engendra uma subjetividade, o contato desse corpo com outros corpos. A experiência mostra, então, que há uma relação entre corpo-mundo-ser (MERLEAU-PONTY, 1994). O discurso explicativo de alguns homens trans diz, entretanto, o contrário, definindo essa experiência a partir, sobretudo, de uma separação.

Se Latour (1994) já nos falava que a modernidade é fundada sobre um paradoxo entre um texto que os modernos supõem os constituir e suas práticas, esse mesmo paradoxo funda o fenômeno transexual. Quer dizer, se Paulo e Jorge recorrem a um texto de separação para definir o que é um homem trans, quando se atenta para suas experiências e, portanto, para a prática, percebe-se que esse corpo é desde sempre social e que a constituição dessa identidade é dependente tanto do corpo quanto da relação deste com o mundo – com outros seres humanos e não humanos, com os valores, práticas e costumes que compõem uma determinada sociedade (CSORDAS, 2008). Mas a metáfora do corpo errado e a ideia de separação entre ser e corpo surgem do nada ou elas guardam alguma relação com a experiência dos interlocutores?

Paulo e Jorge recorrem à ideia de separação entre corpo e mente e do corpo errado em função da sensação de desconforto que eles sentem com algumas partes do corpo. O desconforto aparece, sobretudo, nas partes do corpo que funcionam como índices de gênero: seios, genitálias, contornos corporais. O desconforto com algumas partes do corpo surge, principalmente, no período da adolescência, quando os caracteres sexuais secundários começam a aparecer. Até esse período – até os seios emergirem, até o quadril alargar, até os pelos pubianos crescerem e a menstruação chegar – não há uma sensação tão marcante de desconforto com o corpo.

Ao partir do pressuposto da separação pode-se interpretar esse desconforto apenas como uma separação entre um ser masculino (alma de homem) e um corpo

de mulher ou como um corpo que falhou, o corpo errado. Entretanto, ao levar em consideração o social, e ao observar esse corpo em coexistência, outras possibilidades interpretativas se abrem.

Defende-se, aqui, a perspectiva, fundamentada nas narrativas, de que o incômodo com algumas partes do corpo é menos uma separação entre corpo e ser, ou menos um corpo errado, do que um descompasso entre a maneira como os interlocutores percebem a si mesmos e, portanto, seus corpos, e a maneira como esse corpo é lido por uma audiência (GOFFMAN, 2009). Esse incômodo está menos incrustado em um corpo fechado em si mesmo e mais relacionado a como esse corpo significa e é significado socialmente, assim como ao que esse corpo, junto a outros seres, coloca, em uma dada comunidade, como possibilidades e restrições de enunciação.

O corpo enunciado e a enunciação do corpo

Desde a infância, existe um corpo que abre determinadas possibilidades, mas que, também, traz determinadas restrições. Em geral, essas possibilidades e restrições são convencionadas socialmente. Mas é na adolescência, sobretudo, que, na fala de Paulo, “o corpo passa a dizer”. Ele diz, ao descrever sua infância, que as pessoas não sabiam ao certo se ele era uma menina ou um menino. Na adolescência, essa dúvida é sanada, porque o seu corpo passou a dizer o que ele era. O que isso significa exatamente? Isso significa que, a partir de determinado momento da vida, os interlocutores passaram a ser posicionados mais claramente na posição de mulher em função de determinados índices corpóreos. O corpo passa a dizer, o corpo enuncia. Mas, se o corpo enuncia, ele o faz diante de uma coletividade. O que esse corpo enuncia é dependente, portanto, de como essa coletividade percebe e situa esse corpo.

O corpo possui uma dimensão pública. Ele é essa superfície que aparece para o outro, que é visível pela coletividade e que atíça, portanto, um determinado campo de valor compartilhado coletivamente. A superfície do corpo coloca em jogo essa teia de significantes que compõe uma determinada cultura. A superfície do meu corpo delimita minha individualidade, mas é, ao mesmo tempo, pública. Ela é a dimensão mais acessível ao outro, ao externo a mim. O interno e o externo se comunicam através dessa superfície corpórea e é através dessa zona fronteira que se estabelece uma tensão entre os significados públicos atribuídos ao corpo daqueles sujeitos e, ao mesmo tempo, a percepção que cada um faz de si.

O que se percebe, pelas experiências narradas, é que um forte sentimento de masculinidade se forma no movimento existencial da vida, no contato desses sujeitos com outras pessoas, com determinados objetos, práticas e discursos e através de um uso específico do corpo. Entretanto, sabe-se, também, que as culturas ocidentais modernas partem de uma divisão dual dos gêneros e fundamentam essa divisão em uma base supostamente biológica elencando determinados índices corpóreos – barba, pênis, seios, vagina, quadril, pelos, distribuição da massa corpórea – para dizer quem

é homem e quem é mulher. Um corpo só diz diante de um enunciado que também diz sobre ele. Essa divisão dual das pessoas passa a ser exercida mais enfaticamente na medida em que os índices corpóreos passam a ser mais desenvolvidos, a aparecer explicitamente no corpo.

Em geral, é nesse momento, em que é exigido mais enfaticamente desses sujeitos que eles se apresentem para o mundo como mulher – em função do crescimento dos seios, do contorno do corpo e da chegada da menstruação – que eles chegam à convicção de que não é como mulher que eles querem se apresentar para o mundo. E, a partir dessa convicção, se chega a uma outra: “se eu não sou uma mulher, então, é um homem que eu sou”. Entretanto, há uma exigência feita por uma coletividade de que esses sujeitos se apresentem para o mundo como mulher e essa exigência é feita via corpo – “se você tem seios e vagina, você é uma mulher”. Ao mesmo tempo, há uma ausência de reconhecimento das suas masculinidades e, portanto, da convicção de que são homens, que se dá também via corpo – “se você não tem barba e nem pênis, nós não te reconheceremos enquanto homem”.

Nessa tessitura, mesmo se alguém possui uma performance masculina e se apresenta como homem, ele terá sua identidade negada pela audiência que vê no seu seio ou, por exemplo, na sua ausência de barba, índices da sua posição gendrada. É justamente esse choque entre um sentimento de masculinidade – que está em instauração desde a infância, em um momento em que o corpo ainda não apresentava os índices corpóreos de gênero bem desenvolvidos – e a maneira como uma coletividade, principalmente, a partir da adolescência, passa a ler e situar seus corpos que gera a sensação de desconforto em relação a algumas partes do corpo.

O forte incômodo com os seios, por exemplo, presente na narrativa dos interlocutores, não é só um incômodo com os seios em si, mas com um índice corpóreo de gênero que gera uma contradição entre aquilo que ele sente ser (um homem) e o modo como o outro o percebe (uma mulher). O incômodo com o seio é, nesse sentido, fundamentalmente, dependente da relação entre o eu e o outro; é, fundamentalmente, dependente, portanto, de um ser em coexistência. Assim, o que há, aqui, é menos uma separação entre ser e corpo, ou menos a presença de um corpo falho, do que um desconforto, com determinadas partes do corpo, causado pelo choque que elas geram entre autopercepção e percepção do outro¹².

É importante frisar, entretanto, que a maneira que uma coletividade tem de perceber e situar os corpos não se apresenta só como uma exterioridade para os interlocutores, ela também constitui seus desejos, fantasias e autoimagem. Não à toa, Ariel, outro interlocutor, se pensa/sente homem ao se imaginar sem camisa, pegando peso e trabalhando sob o sol. As convenções e práticas sociais constituem mesmo seus imaginários. O impulso de retirar os seios, ter barba e, de alguns deles, realizar faloplastia não passa só por uma necessidade formal de ter o reconhecimento do outro, de ter sua masculinidade legitimada pelo outro, mas passa também pelo desejo

¹² É importante frisar, aqui, que, longe de querer desmentir aqueles dos meus interlocutores que recorrem à versão do corpo errado ou da separação entre *self* e corpo, o intuito deste trabalho é alargar os horizontes interpretativos dessas experiências através de uma compreensão que emerge das suas próprias narrativas.

por uma autoimagem que está sempre em conexão com as expectativas e as práticas sociais. Mesmo a sensação de estranhamento com determinadas partes do corpo se dá em conexão com o estranhamento que, por exemplo, ter seios e se apresentar como homem causa em uma determinada audiência.

É importante notar que, à medida que o paradigma do determinismo biológico e os discursos biomédicos vêm sendo questionados e que novos paradigmas interpretativos se encontram disponíveis para os homens trans e outras transmasculinidades, a maneira como eles interpretam e mesmo sentem sua experiência também se modifica. Muitos homens trans já vêm questionando a metáfora do corpo errado. No livro “Gender Outlaws: the next generation”, Scott Turner Schofield (2010), homem trans, ao contar um pouco da sua história de vida, diz que:

Os médicos querem saber exatamente o que torna uma pessoa transgênero. Eles têm como hipótese uma mistura de hormônios no momento errado, trazida pelo stress, talvez? Eles querem encontrar uma razão simples, um diagnóstico, uma cura para tornar a vida mais fácil. Eu acredito que isto é pura vontade. Sim, embrionária, eu imaginei a vida muito mais interessante do que o comércio entre corpo e alma. E então, aqui eu estou. Eu não nasci no corpo errado. [...] Traumático ou não, eu teria sido trans não importa em que corpo eu tivesse nascido. Diga aos médicos que nós existimos para a saúde da humanidade, que precisa encontrar integridade e acreditar na complexidade. Garota no corpo de garoto ou garoto no corpo de garota; chame isso de destino ou biologia, ou se preferir, uma escolha espiritual. Mas eu não nasci em um corpo errado (SCHOFIELD, 2010, p. 84, tradução nossa).

No primeiro Encontro Nacional de Homens Trans (I ENAHT) que houve no Brasil, em São Paulo, em fevereiro de 2015, no último dia, já no fim do encontro, todos os homens trans presentes se reuniram para tirar uma foto e todos gritaram em uníssono: “Nós somos homens de boceta, sim, e merecemos respeito!”. Esse grito já expressa o questionamento do paradigma biológico que coloca a genitália como definidora do ser. Nesse grito, ser homem e ter uma boceta não aparecem mais como elementos contraditórios e se não há essa contradição, então, já não cabe mais a metáfora do corpo errado. Ter acesso a outros repertórios interpretativos, principalmente os vindos dos estudos transfeministas, feministas e *queer*, possibilita a esses sujeitos ressignificarem suas experiências e vivenciá-las de outra maneira.

Paulo e Jorge partiram para a realização de cirurgias e hormonização informados pela ideia de separação entre um ser e um corpo que precisam ser novamente juntados ou pela ideia de um corpo errado que deve ser consertado. As narrativas, ligadas às suas experiências, ao longo das suas trajetórias de vida, mostram, entretanto, que mais do que a separação entre um ser e um corpo, ou mais do que um corpo que falhou, a sensação de desconforto com algumas partes do corpo é fruto justamente de uma coletividade, informada por uma perspectiva dual dos gêneros, fundada em

uma distinção anatômica dos sexos e, por conseguinte, de como determinadas partes do corpo significam nesse contexto prático-simbólico.

São movidos por essa sensação de desconforto com algumas partes do corpo que Paulo e Jorge iniciam, então, uma nova tessitura da superfície corpórea e, nesse sentido, a construção de uma nova persona. Aqui a biologia, que pode ser pensada, segundo a perspectiva biomédica, como algo fixo e imutável, uma natureza/corpo incontornável e separada do social, elemento causal por excelência, demonstra toda sua flexibilidade, maleabilidade e se apresenta como *locus* de intervenção.

Considerações finais

Este artigo tratou da trajetória de vida de dois homens trans com foco, principalmente, no período no momento da descoberta da categoria de homens trans. Como dito anteriormente, antes da afirmação da identidade de homens trans, os interlocutores passam pela constatação de um forte sentimento de masculinidade que é seguida pela convicção de que eles são homens e de que é como homens que querem existir e serem reconhecidos. O modo como vão interpretar esse sentimento e, portanto, as suas próprias experiências da transmasculinidade é influenciado pelas informações a que eles têm acesso e que estão disponíveis em seus ambientes sociais.

Para esses dois interlocutores, a afirmação da identidade de homem trans é pautada tanto na ideia de separação entre corpo e alma quanto na metáfora do “corpo errado”. O modo como esses interlocutores interpretam esse forte sentimento de masculinidade e o descompasso entre esse sentimento e seus corpos são, portanto, influenciados por uma perspectiva biomédica da experiência transmasculina. O fundamento dessa perspectiva é o pressuposto de separação entre psique e corpo.

O que o artigo evidencia é que esse pressuposto guarda relação com a premissa que funda a modernidade, qual seja, a ideia de separação entre natureza e sociedade. Só é possível pensar a experiência transmasculina como uma separação entre corpo e alma através de um paradigma que tem como fundamento a ideia de separação entre natureza e sociedade. Além da separação entre natureza e sociedade, outra dicotomia marca a interpretação biomédica da experiência transexual – a ideia de dois sexos mutuamente excludentes e incomunicáveis entre si.

É justamente esse paradigma que fornece os subsídios interpretativos necessários para que a experiência transexual seja colocada no lugar de uma patologia, seja ela um transtorno psíquico, seja uma incongruência entre sexo e gênero como consta, atualmente, no Código Internacional de Doenças, o CID 11. Só é possível falar em uma incongruência entre sexo e gênero sob os fundamentos de um paradigma que toma como pressuposto a separação entre corpo e ser (alma) ou entre corpo e subjetividade (identidade).

Este artigo, então, propõe, através do diálogo entre a fenomenologia da percepção e a teoria *queer*, uma outra interpretação das experiências transmasculinas desses sujeitos.

Se o discurso dos interlocutores é influenciado pelo saber biomédico, as narrativas das suas experiências de vida mostram que esse sentimento de masculinidade a que eles aludem é menos fruto de uma essência dada previamente ao movimento da vida do que um sentimento instaurado, no curso do tempo, através da coexistência desse ser com outros seres, nas tramas práticas e simbólicas da vida cotidiana.

Do mesmo modo, propõe-se neste artigo que a sensação de separação entre alma e corpo pode ser interpretada menos como, de fato, uma separação do que como um desconforto com determinadas partes do corpo causado pelo descompasso entre a percepção que esses sujeitos têm de si, enquanto homens, e a percepção que os outros, em função de determinados signos corpóreos, projetam sobre seus corpos. Por fim, este artigo, através de uma leitura fenomenológica e *queer*, questiona tanto o uso da ideia de separação entre mente e corpo e da metáfora do “corpo errado” na interpretação das experiências transmasculinas quanto propõe que o sentido de um corpo é adquirido na sua relação com o mundo – o ser no mundo – e não determinado, de maneira imediata, por uma parte específica do corpo, seja ela o pênis, os seios ou a vagina.

Referências bibliográficas

ARAN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, Junho, 2006, p. 49-63.

ÁVILA, Simone. *Transmasculinidades: a emergência de novas identidades políticas e sociais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

BEATIE, Thomas. *Labor of Love: The Story of One Man's Extraordinary Pregnancy*. Califórnia: Seal Press, 2009.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

Bock, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 11, n. 1, jun., 2007, p. 63-76.

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Vol. 21, n. 41, 2001, p. 77-111.

CSORDAS, Thomas. Modos somáticos de Atenção. In: *Corpo, Significado e Cura*. Porto-Alegre: UFRGS Editora, 2008, p. 367-392.

FERRÉ, Joan Vendrell. ¿Corregir el cuerpo o cambiar el sistema? La transexualidad ante el orden de gênero. *Sociológica*, ano 24, n. 69, 2009, p. 61-78

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

LATOUR, Bruno. *Investigación sobre los modos de existencia: una antropología de los modernos*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: 34 Editora, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A espacialidade do corpo próprio e a motricidade. In: *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 143-204.

MERLEAU-PONTY, M. A “instituição” na história pessoal e pública. Tradução: Monclar Valverde, Salvador, junho de 2000.

NERY, João W. *Viagem Solitária – Memórias de um transexual trinta anos depois*. São Paulo: Leya, 2011.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. *Experiências transmasculinas: o limiar entre corpo, gênero e desejo na constituição de um sentido de si*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.

RIESSMAN, Catherine Kohler. *Narrative analysis*. London: Sage, 1993.

SCHOFIELD, Scott T. The wrong body. In: BORNSTEIN, Kate; BERGMAN, S. Bear (orgs.). *Gender Outlaws: the next generation*. Berkeley, Califórnia: Seal Press, 2010, p. 83-84.

Recebido em 29/03/2023.

Aceito em 19/06/2023.